TRAJETÓRIAS PORNOGRÁFICAS: A LITERATURA LUSO-BRASILEIRA POR MEIO DE LIVROS E JORNAIS

PORNOGRAPHIC TRAJECTORIES: LUSO-BRAZILIAN LITERATURE THROUGH BOOKS AND NEWSPAPERS

José Temístocle Ferreira Júnior[1]

Natanael Duarte de Azevedo[2]

RESUMO: O artigo em tela trata de romances que circularam no Brasil e em Portugal por meio da literatura considerada popular. O termo popular não é utilizado aqui no seu sentido cultural, mas de suportes como jornais e livros de brochura que traziam a literatura pornográfica como tema de seus romances. Tratar desses suportes, jornais e brochuras, nos permite resgatar uma parte da história da literatura que está esquecida pela academia. Após muitas pesquisas no acervo digital da Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro, deparamo-nos com alguns jornais que traziam de forma explícita a pornografia em sua composição. Com a leitura dos impressos, percebemos que além do teor sexual presente, os jornais apresentavam críticas políticas. Dessa forma, observamos que a pornografia não só estava a serviço da erotização, mas mantinha uma relação direta com o contexto político-social do Brasil oitocentista. Compreender o suporte e a materialidade do objeto, de acordo com o que propõem Darnton (2010) e McKenzie (2004), leva-nos por outros caminhos que não só o da história da literatura por meio do livro, mas observar o comportamento do suporte e da materialidade nos jornal oitocentista.

Palavras-chave: Literatura luso-brasileira; Literatura pornográfica; História da literatura. Impressos.

ABSTRACT: This article deals with the novels that circulated in Brazil and Portugal by means of the literature considered popular. The term popular is not used here in its cultural sense, but as a medium like newspapers and brochure that brought the pornographic literature as the theme of its novels. Deal with these media, newspapers and brochures, allows us to salvage a part of the history of literature forgotten by the academy. After much research in the digital collection of the National Library of Rio de Janeiro, we faced some newspapers that brought, explicitly, pornography in its composition. With the reading of these texts, we realized that beyond the present sexual content, those newspapers had political criticism. Thus, we observed that not only was pornography in service of eroticism, but also maintained a direct relationship with the socio-political context of the nineteenth-century in Brazil. Understanding the medium and the materiality of the object, in accordance with Darnton (2010) and McKenzie (2004), takes

1 Universidade Federal Rural de Pernambuco / josetemistocles@yahoo.com.br

2 Universidade Federal Rural de Pernambuco / natanael.duarte.ufpb@hotmail.com

us in other paths different from the history of literature by means of the book, but to observe the medium behavior and materiality in nineteenth-century newspaper.

Keywords: Luso-Brazilian literature; Pornographic literature; History of literature; Printed.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A expressão "romances para serem lidos com uma mão", utilizada nos séculos XVIII e XIX, representa bem a produção literária que tinha como objetivo despertar os desejos mais íntimos do leitor. Segundo Goulemot (2000), essa expressão foi usada por Rousseau (2011) no século XVIII, em suas *Confissões*, para se referir a certos "livros perigosos", obras estas que englobavam romances, tratados filosóficos, textos políticos e textos licenciosos.

A imagem do leitor entregue ao êxtase provocado pela leitura de alguns livros, em geral com a temática erótica, serviu de mote para representação erotizada da leitura por parte de vários artistas. Segundo Hunt (1999), desde a época de Aretino, século XVI, a pornografia foi utilizada como tema por escritores, poetas, gravadores, pintores etc. O tema pornografia circulava em diversas esferas da arte, podendo ser consumido tanto pelas classes mais baixas da sociedade quanto (e principalmente) pelas camadas mais abastadas.

Apesar de a pornografia estar presente desde os tempos áureos na literatura clássica grega, como elementos de sedução, erotismo e representação física de órgãos sexuais, ela nunca foi tratada como uma categoria literária. Essa possibilidade de ser considerada uma categoria só viria a ser discutida no século XIX. De acordo com Hunt (1999, p. 10) a pornografia "não constituía uma categoria de literatura ou de representação visual independente e distinta antes do início do século XIX".

A pornografia sempre esteve atrelada a outros fins como, por exemplo, à crítica e à provocação. Para Hunt (1999, p. 10): "Na Europa, entre 1500 e 1800, [a pornografia] era mais frequentemente um veículo que usava o sexo para chocar e criticar as autoridades políticas e religiosas". Ou seja, ao invés de se instaurar como uma categoria literária e preestabelecer algumas normas como ocorre com as demais categorias[3], a pornografia servia de meio, ou melhor, de suporte[4], para provocar efeitos de sentido, tais como: humor, sarcasmo, agressão, destituição de valores sociais e morais etc.

A utilização da pornografia como "veículo para chocar e criticar" tanto podia ser explícita como por meio da alegoria. Interessa-nos para nosso estudo, em especial, a representação alegórica da pornografia e sua produção de sentidos.

Uma alegoria muito comum para representar a relação leitura-leitor-prazer, como podemos ver em algumas gravuras e telas em guache dos séculos XVI, XVII e XVIII,

---

3 Grosso modo, as categorias mais recorrentes e analisadas na literatura são: tempo (marcado pela duração da narrativa, podendo ser, por exemplo, um tempo cronológico ou psicológico); espaço (lugar em que ocorre a ação da narrativa); narrador (personagem responsável por contar a história, podendo ser em 1ª, 2ª ou 3ªpessoas do discurso); personagem (pessoas ou seres personificados que vivem a ação narrativa).

4 Não estamos tomando aqui o termo "suporte" segundo a visão dos estudos dos gêneros textuais, ou seja, "*um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto*" (MARCUSCHI, 2003, p. 11 – destaque do autor). Por suporte, utilizado nesse contexto, entendemos como um veículo de transmissão de sentido.

é a construção da figura do leitor com uma mão segurando o livro (instrumento desencadeador do desejo) e com a outra mão tocando suas partes íntimas (instrumento de obtenção do orgasmo). Esse modelo representativo dessa relação serviu de inspiração para pintores, autores de obras literárias e até mesmo estudiosos da temática pornográfica[5].

Percebe-se que a utilização de uma alegoria erótica se situava em dois caminhos que muitas vezes se entrecruzam: buscava-se instigar o leitor a compor o quadro alegórico de obtenção do prazer, por um lado, pela identificação com o ato sexual em si, por outro, pelo discurso político-filosófica. Assim, parece-nos que as alegorias eróticas envolviam o leitor na sexualidade explicitada, mas, ao mesmo tempo, transmitem a mensagem almejada[6].

Se por um lado tínhamos uma literatura no século VII que buscava comover e ao mesmo tempo excitar o leitor, por outro lado, o final do século XVII e todo o século XVIII foram marcados pela disseminação da filosofia libertina que, ao contrário da primeira proposta, empreendeu uma luta por meio de "penas e papel" contra o Estado e a Igreja. Porém, esses dois caminhos traçados pela literatura do gênero pornográfico terminam se cruzando, seja pelo percurso da excitação, seja pela disseminação político-filosófica.

Do primeiro grupo, podemos citar autores como Richardson (*Pamela*, 1740) e Diderot (*As joias indiscretas*, 1748), dentre outros grandes nomes na literatura universal, que pela construção de romances que mantinham uma relação direta entre o amor e o sexo não só excitavam os leitores, mas também comoviam o público-leitor pelo relato de desencontros amorosos e de conquista da mulher amada.

Do segundo grupo, autores como Sade (*A filosofia da alcova*, 1795) e Choderlos de Laclos (*As relações perigosas*, 1782) figuram representantes de obras que almejavam perverter a ordem do Estado e da Igreja (Cf. ROUDINESCO, 2008, p. 44-75) obter o máximo da luxúria. Para os autores libertinos, mais do que a representação do ato sexual, o que deveria chamar a atenção na obra literária era a entendimento de que o sexo e a corrupção são atos "naturais" e de protesto.

Porém, esses dois modelos de literatura pornográfica não figuram um estilo literário acabado, visto que reedições e imitações (GOULEMOT, 2000) ocorriam com frequência nos séculos XVII, XVIII e XIX, tendo como singularidade na composição desse tipo de literatura o que Goulemot (2000, p. 51) chama de "lugar de trocas", sendo assim impossível conceber a literatura pornográfica como "um conjunto homogêneo, fixo". Segundo Goulemot (2000, p. 51) "o romance pornográfico não pára de evoluir e utiliza os procedimentos do romance contemporâneo", ou seja, a análise de obras pornográficas está longe de ser esgotada e pesquisas desenvolvidas no âmbito da literatura, história, filosofia e áreas afins, demonstram novos olhares e novas perspectivas para abordagem da temática da pornografia.

---

5 Os editores, por exemplo, utilizam na capa do livro *Esses livros que se lêem com uma só mão*, de Jean-Marie Goulemot, a imagem *Le midi*, gravada por Emmanuel de Ghendt, inspirada em um guache de P. A. Baudouin, a qual representa uma mulher deitada sobre um jardim com um livro caído ao lado do seu corpo e com uma das mãos se masturbando.

6 Para exemplificarmos, citamos as obras de Sade, que envolvem sexualmente o leitor e ao mesmo tempo transmitem os fundamentos da filosofia libertina em nome da derrocada do poder da Igreja, por exemplo.

No que diz respeito ao século XIX, vemos que o espaço encontrado para disseminação da literatura pornográfica foi a do jornal, tanto por questões relativas ao baixo custo de produção como pela circulação nas mais diversas camadas da sociedade. Pensando no contexto histórico luso-brasileiro oitocentista, percebemos uma grande difusão dos mais diversos tipos de jornal: político, literário, monárquico, republicano, jocoso, artístico, humorístico entre outros.

Interessa-nos, em especial, os jornais literários e jocosos, uma vez que podemos observar nesses jornais a aceitação para publicação de romances pornográficos, "romances joviais", "romances para homens" e textos de "gênero alegre".

Os termos "romances joviais", "romances para homens" e "gênero alegre" dizem respeito à literatura pornográfica, assim como também foi conhecido no século XVII como "romances para serem lidos com uma mão só", como já mencionamos.

O jornal *O Riso* (Rio de Janeiro, 1911-1912) anuncia o seu principal romance folhetim (*As aventuras do Rei Pausolo*) com a alcunha de "romance jovial" que trata da vida de um rei liberal que investe sexualmente contra diversas súditas, mas preocupasse com o sumiço de sua filha, temendo que esta seja corrompida por algum aventureiro.

Já o termo "romance para homens" foi bastante utilizado no século XIX tanto para se referir aos livros pornográficos que eram divulgados nos jornais como para intitular o romance folhetim com temática erótica. Considerava-se também os álbuns de fotografia que trazia atrizes nuas em suas páginas. Como podemos ver no jornal *O Rio Nu* (Rio de Janeiro, Anno II, n. 119, p. 4, em 26/08/1899), a seção "Leitura para Homens" traz a divulgação de vários romances eróticos para venda. Dentre os romances, há a divulgação, por exemplo, de *Tereza Philosopha* ao custo de 6$000; *Amar, Gozar e Morrer* ao custo de 4$000 e *Carlos (romance para homens)* ao custo de 3$000.

No que concerne aos textos do "gênero alegre", trata-se de gêneros literários que circulam em jornais (poesia, conto, crônica, romance, anedotas, charadas, caricaturas etc.) de temática humorística, mas sempre com um cunho sexual. De acordo com Schettini (2011. p. 317) "Uma das primeiras publicações a assumir o rótulo [de gênero alegre] foi *Sans Dessous*, que trouxe em seu número inaugural [...] a legenda: 'A iniciadora do gênero alegre no Brasil". Já no jornal *O Coió* (Rio de Janeiro, Anno II, n. 62, p. 3, em 06/01/1902) vemos no espaço dedicado ao folhetim o texto "O Anselmo – Narrativa Alegre e Apimentada", por Arduino Pimentel, que narra a história de um boêmio traído pela mulher que decide se vingar, tornando-se amante da esposa do ministro.

Dessa forma, desejamos lançar um novo olhar sobre a literatura pornográfica, tomando a pornografia como alegoria utilizada pelos editores de jornais do século XIX como forma de satirizar o poder.

A LITERATURA PORNOGRÁFICA NO CENÁRIO LUSO-BRASILEIRO

No Brasil, a questão da circulação de romances no cenário luso-brasileiro no século XIX já foi bastante discutida (Cf. ABREU, 2008; AUGUSTI, 2006; EL FAR, 2004; VILLALTA, 2009; entre outros), mas a problematização gira em torno do romance enquanto gênero ou modo de fazer literário. No contexto de pesquisas que tomam o jornal como objeto de investigação da História da Literatura, temos diversos

trabalhos publicados, tais como: Barbosa (2007); Pinsky (2011); Costa (2012); entre outros. Acerca da pornografia, temos trabalhos relevantes para historiografia do tema, como: Alexandrian (1993); Hunt (1999); Goulemot (2000); del Priori (2011); Vainfas (2014).

A especificidade de nossa pesquisa se justifica exatamente pela análise do tema da pornografia em suportes não consagrados pela crítica literária que tomam o livro como objeto de investigação. Dessa forma, acreditamos que assim como os pesquisadores da História Cultural fizeram com os livros, podemos investigar a historiografia da literatura por meio do jornal. Interessa-nos ver, segundo a definição de Chartier (1988), a apropriação que "tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem" (CHARTIER, 1988, p. 26) os editores luso-brasileiros fizeram da pornografia em jornais licenciosos do século XIX.

É à guisa de uma pesquisa historiográfica da literatura que pensamos em um estudo que se alia com a história da leitura, levando em conta os diversos gêneros literários que circularam no Brasil oitocentista, com uma grande influência de editores de Portugal, e que muito agradaram os leitores brasileiros (EL FAR, 2004), a saber: a literatura pornográfica que circulava em diversos periódicos do grande século XIX.

Optamos por investigar a circulação de periódicos em um período que vai do final do século XIX ao início do século XX, com foco nas décadas de 1890, 1900 e 1910, porque, de acordo com estudiosos do século XIX no Brasil (Cf. EL FAR, 2010; DEL PRIORI, 2005 e 2011), nesse período houve uma grande produção, circulação e vendagem tanto dos jornais como de livros tiveram seu maior destaque durante esse período.

> Nesse contexto editorial, surgiram também os "romances para homens", ou seja, as narrativas de teor pornográfico proibidas às mulheres, consideradas na época, pessoas de personalidade frágil e, portanto, suscetíveis aos enlevos amorosos do enredo. Esses romances ganharam um sem-número de leitores, que acompanhavam nos jornais os lançamentos de sucesso. (EL FAR, 2010, p. 97)

Outro aspecto que deve ser observado diz respeito à natureza heteróclita do jornal, pois como aponta Barbosa (2007), o jornal é constituído na heterogeneidade, na pluralidade dos diversos gêneros que compõem o impresso. A partir dessa premissa, examinaremos as nuanças do tema da pornografia utilizadas de forma alegórica para persuadir o leitor em relação a temas políticos e/ou religiosos.

Sobre a alegoria presente nos jornais oitocentistas, Barbosa afirma que:

> [...] como se trata de jornais do século XIX, cuja linguagem predominante é a alegórica, é preciso também verificar em que medida aquele texto, aparentemente sem sentido, não guarda em si uma relação "secreta" com alguma notícia dada no mesmo jornal. (BARBOSA, 2007, p. 36)

Como podemos perceber, Barbosa (2007) afirma que há uma relação direta existente entre a alegoria e a composição dos jornais do século XIX. Com base nas observações a respeito da alegoria nos jornais do século XIX, iremos analisar a apropriação da pornografia enquanto alegoria presentes nos jornais oitocentistas. Para dar sustentação no que diz respeito à análise da alegoria, recorreremos aos estudos apresentados por Hansen (2006) acerca da construção e interpretação da metáfora.

Dessa forma, o fio condutor de nossa análise será a representação das alegorias presentes nos jornais que circularam no cenário luso-brasileiro oitocentista, a exemplo dos seguintes jornais: *A Pérola*[7] (Londres, 1879-1880), *Almanach do belo sexo* (Lisboa, 1877), *O Capítulo* (Porto, 1881-1882), *O Petiz* (Porto, 1882), *O Rio nu* (Rio de Janeiro, 1898-1916), *O Coió* (Rio de Janeiro, 1901-1902), *O Badalo* (Rio de Janeiro, 1881), *O Nabo* (Rio de Janeiro, 1900), *O Riso* (Rio de Janeiro 1911-1912).

COMUNIDADE LEITORA DE ALÉM-MAR: A LITERATURA PORNOGRÁFICA COMPARTILHADA

O reconhecimento de uma comunidade leitora luso-brasileira oitocentista por meio de suas práticas, gestos, apropriação de leitura, requer um trabalho de investigação que considere todas as estratégias utilizadas pelos leitores para a concretização do ato de ler. Por essa razão, entendemos que a nossa pesquisa deve privilegiar não só o texto escrito e legitimado pela história no suporte livro, mas os diversos gêneros literários que circularam no Brasil oitocentista, em especial, nos jornais luso-brasileiros pornográficos.

Sendo assim, um estudo que busca compreender a produção do sentido na relação leitura-leitor-prazer por meio de alegorias da pornografia presentes nos jornais deverá reconhecer que o texto literário passa a fazer sentido para um sujeito em particular a partir de uma relação especular entre a obra e o leitor, uma vez que há uma identificação do leitor do jornal ou pela erotização ou pelo discurso político-filosófico.

Vemos a necessidade de considerar que os pressupostos de estudiosos da História Cultural, como de Certeau (1996; 2006), Bourdieu (2005) e Chartier (1991; 1997; 2004), indicam que não basta ao texto literário existir, ele é materializado pelo sentido empreendido pelo sujeito leitor, ou seja, a apropriação do impresso pelo leitor será responsável por toda representação de sentido da obra e da sociedade na qual ela foi lida.

Desse modo, apoiados na visão de uma História da Literatura por meio dos jornais oitocentistas apontados por Barbosa (2007), partiremos do princípio de que os modos de representação e apropriação, propostos pelos estudiosos da História Cultural citados, cabem não só à historiografia do livro, mas também, de forma muito singular, à do jornal, pois atingia um público leitor mais amplo. Essa singularidade deve ser vislumbrada a partir da observação de que, no século XIX, a literatura de um modo geral (nos diversos gêneros) teve grande circulação nos jornais, seja por ter custos menores em relação à impressão de livros, seja por circular nas mais diferentes camadas da sociedade brasileira de Oitocentos. Vale salientar que a análise que pretendemos desenvolver acerca da pornografia nos jornais deverá, pela própria natureza do objeto, considerar o tempo presente de sua enunciação, ou como observa Barbosa (2007, p. 64): "o que foi produzido nos periódicos – inclusive o literário – não pode ser despregado do presente daquela enunciação e lido em uma perspectiva de transparência com a referencialidade".

Dessa forma, pretendemos com nossa pesquisa contribuir com os trabalhos que tomam o jornal como objeto de análise literária, uma vez que, por mais crescente que seja o número de pesquisadores e trabalhos publicados na área da literatura, há um

[7] Trabalhamos com a versão portuguesa traduzida por Maria Emília Ferros Moura.

número reduzido de trabalhos que tomam a pornografia como categoria, devido a sua temática ser conflitante. Assim, nossa pesquisa pode contribuir com "outros modos de ler e de fazer circular a literatura e a cultura" (BARBOSA, 2007, p. 24).

PORNOGRAFIA: UMA HISTÓRIA PELO BURACO DA FECHADURA

> Não há livros morais ou imorais, apenas livros bem ou mal escritos – Oscar Wilde em "O retrato de Dorian Gray".
>
> Imperioso, colérico, arrebatado, em tudo extremado, de um desregramento na imaginação sobre os costumes que não teve equivalente nesta vida, em duas palavras, eis-me aqui: matai-me ou me aceiteis assim, pois não mudarei [...]. Se, como dizeis, minha liberdade terá de pagar o preço do sacrifício de meus princípios ou de meus gostos, podemos dizer-nos um eterno adeus, pois antes sacrificaria mil vidas e mil liberdades, se as tivesse.
>
> (Carta do Marquês de Sade a sua esposa em setembro de 1783)

A título de apagamento da literatura pornográfica, gostaríamos de exemplificar com uma publicação de livro de poesias que antecedia a produção de nossos jornais em um curto tempo de menos de uma década. Quase no mesmo período em que circulou o jornal *O Rio Nu* (1898-1916), foi publicado no Brasil um livro de poesias, intitulado "Obras Poéticas Livres" (1882)[8], que explorava as mesmas temáticas da sedução, fornicação, prostituição, defloramento de jovens, entre outros, por Laurindo José da Silva Rebello[9].

> **DECIMA**
>
> Certa mulher de um marquez
> Fodi por cousa nenhuma,
> Mas fodi sómente uma,
> Deus me livre de outra vez!
> A tal putinha me fez
> Na porra[10] tal desatino,
> Com seu rebolar malino
> Poz-me a mente tão corrupta
> Que julguei no cú da puta
> Encontrar o palatino!
>
> (REBELLO, 1882, s/p)

8 Segundo Fábio Frohwein de Salles Moniz (2012), a biografia de Laurindo é permeada por controvérsias, uma vez que não há unanimidade pelos estudiosos da história da literatura e pelos críticos literários acerca da grafia correta do nome de Laurindo como também sobre as datas de suas publicações. Moniz (2012) afirma que a única obra publicada em vida foi *Trovas* (1853). Os outros livros foram organizados a partir de poemas, lunduns e modinhas espalhadas nos periódicos de Oitocentos, a exemplo da *Marmota Fluminense* (1857). Ainda segundo Moniz (2012), Laurindo faleceu em 28 de setembro de 1864, ou seja, dezoito anos antes da publicação póstuma de seu livro de poemas pornográficos.

9 No que diz respeito à outra controvérsia, a grafia do nome de Laurindo, deparamo-nos com dois modelos gráficos: na impressão do livro de 1882 está grafado o sobrenome "Rebello", já na biografia de Moniz (2012) e no cadastro da Academia Brasileira de Letras (ABL), a grafia do sobrenome é "Rabelo". Optamos pela primeira escrita na tentativa de mantermos a fidelidade do texto fonte que tivemos acesso.

10 De acordo com o *Dicionário de termos eróticos e afins*, organizado por Horácio de Almeida (1981), o significado de "porra" pode ser o membro viril (pênis ereto) ou o esperma. No contexto do poema de Rebello, o significado que melhor se enquadra é o primeiro, pênis ereto.

Vale destacar que o referido poeta foi Patrono da Cadeira 26 da Academia Brasileira de Letras e mesmo assim a sua obra caiu no esquecimento da história da literatura, vindo a ser lembrado apenas por suas trovas e suas publicações na *Marmota Fluminense* (1857), segundo Moniz (2012). Para produção de suas poesias pornográficas, Rebello não utilizou nenhum pseudônimo, como era comum à época, mesmo em se tratando de literatura pornográfica. De acordo com Barbosa (2007, p. 32), em seus estudos sobre a história da literatura e da leitura nos jornais oitocentistas luso-brasileiros[11], "observa-se uma tendência forte ao anonimato", mas essa configuração de autores/editores anônimos e/ou a utilização de pseudônimos vem de além-mar. Assim como acontecia nas publicações brasileiras (que tendiam a imitar os jornais europeus, em especial, ingleses e franceses), os editores da Europa utilizavam este recurso do anonimato/pseudônimo para se prevenir das punições legais ou por não ter importância o nome do autor, "talvez porque a prevalência seja a da palavra escrita e não daquele que escreve" (BARBOSA, 2007, p. 35). Para Barbosa, ainda sobre o cenário da imprensa brasileira de oitocentos, "parece ser menos um 'fraqueza' ou 'defeito' [...] do que uma marca da linguagem jornalística no século XIX", (2007, p. 32).

No mesmo período de fim do século XIX, circulou no Brasil "um 'clássico' do gênero [romances para homens]" (EL FAR, 2004, p. 15) vindo de Portugal, o romance pornográfico *A História de Cada Uma: serões do convento*, assinada pelo pseudônimo de Rabelais, que narra as experiências sexuais de freiras, contadas pelas próprias personagens. Dedicaremos esse espaço a uma explanação para exemplificar o tipo de literatura pornográfica que circulava no fim do século XIX e início do XX, em meio à clandestinidade e ao anonimato, pois "para os autores, a clandestinidade supõe naturalmente o anonimato, ou o recurso a pseudônimos" (MAINGUENEAU, 2010, p. 93).

A narrativa inicia com a abadessa e noviças rememorando os atos sexuais e se permitindo ao gozo. A história se passa na véspera do dia de São João com as freiras reunidas na casa do recreio para contar as suas aventuras sexuais:

> Como sabeis, cada uma de nós vai contar a primeira aventura galante da sua existência, aquela que deu pelo menos quebra ao cabaço, porque, como deveis concordar, o signo de Virgo é coisa que não existe no nosso sistema conventual. (RABELAIS, s/d, p. 4)

O romance pornográfico é dividido em 11 capítulos, a saber: "O passado de uma abadessa", "Uma freira modelo", "História da Clarinha: ao que leva à curiosidade", "História de D. Violante: guardar uma mulher", "História de D. Margarida: quadros realistas contra a virtude", "História de D. Angélica: o que uma menina viu e fez... até os 15 anos", "História de D. Guilhermina: ver é bom, gosar é melhor", "História de D. Virginia: quadros defesos", "História de D. Cecília: a mocidade de uma noviça", "História de D. Delfina: virgem!" e, por fim, o último capítulo: "Conhecimentos antigos". Este último se divide em 4 partes que caminham para o arremate da narrativa, findando o dia de véspera de São João após as mais voluptuosas histórias narradas, culminando em um

[11] O estudo empreendido por Barbosa (2007) diz respeito à imprensa luso-brasileira do século XIX, mas como bem apontou em sua pesquisa, essa realidade da materialidade e a configuração do impresso dizem muito do cenário Ocidental. Não restringimos, portanto, nossa análise ao contexto dos jornais luso-brasileiro, mas também dos livros.

apogeu do desejo. Primeira parte, "Conhecimentos antigos": D. Margarida ao sair da casa do recreio na manhã de 23 de junho de 18... se depara com o novo hortelão que estar a cuidar dos craveiros. A freira empolga-se com o robusto homem e é revelado ao leitor que se trata de Manoel, seu antigo amante e pai de sua filha. Ao final do encontro, eles marcam às onze da noite para conversarem e se entregarem aos prazeres acumulados. Na segunda parte, "O novo capelão", chega ao convento um jovem e belo padre que aguça os mais luxuriosos desejos das freiras, em especial D. Margarida que toma para si a missão de seduzir o capelão. Na terceira parte, "Entre noviças": as religiosas se queixam que estão a tempos satisfazendo-se umas com as outras, fazendo às vezes do homem. Cogitam então seduzirem o capelão e o hortelão. De imediato, D. Margarida tenta subverter esse plano, alegando que mais cedo tentara seduzir o hortelão, mas não conseguira êxito. Apesar da tentativa de despistar as irmãs em relação à sedução do hortelão, as religiosas tomadas de desejos luxuriosos armam um plano para arrebatar Manoel, o hortelão, e padre Francisco, o novo capelão. Na quarta e última parte, "Às onze da noite": D. Margarida disposta a não dividir o cetro de seu amado com as outras freiras decide contar-lhe os planos de sedução de D. Delfina. Após fecharem a porta da cela de D. Margarida, entregam-se às mais lúbricas ações de gozo até o cair da madrugada. A narrativa encerra com a descrição da cópula e do tesão acumulado de três anos entre Manoel e D. Margarida.

Mesmo para traçarmos um perfil da literatura pornográfica brasileira que circulou em impressos de final dos Oitocentos, precisamos recorrer a um contexto ocidental mais amplo que trate de jornais e livros pornográficos europeus, uma vez que há uma clara influência destes na composição dos impressos brasileiros. Sendo assim, trabalhamos com três obras acadêmicas que se propuseram a construir a história da pornografia na literatura ocidental e uma possibilidade de análise de obras pornográficas. Porém, gostaríamos de ressaltar que tanto Alexandrian (1993), como Hunt (1999) e Goulemot (2000) dedicaram seus estudos apenas ao contexto europeu, principalmente à literatura francesa e à inglesa, consideradas pelos estudiosos como o berço da literatura pornográfica.

A partir desses pressupostos, a fim de restaurar o apagamento da literatura pornográfica brasileira, causada pelo hiato deixado pelos historiadores da imprensa e da literatura, propomo-nos a construir uma breve história da literatura erótica dos trópicos pelo buraco da fechadura da imprensa de oitocentos. Interessa-nos nessa construção da história resgatar os sentidos dos termos utilizados para os romances pornográficos, além de indicarmos alguns livros do gênero, que circularam no Brasil de fim do século XIX e início do XX.

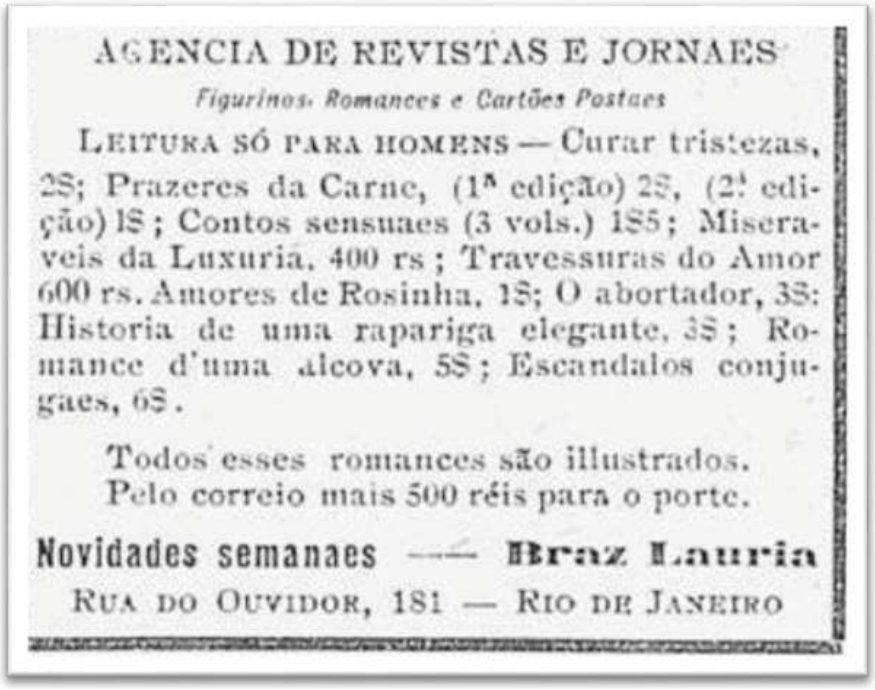
Assim, nossa pesquisa pode contribuir com "outros modos de ler e de fazer circular a literatura e a cultura" (BARBOSA, 2007, p. 24), além de trabalhar em prol do preenchimento da lacuna de uma historiografia da literatura mais ampla, como destaca Zilberman (2003, s/p): "Ainda não foi completada a história que narra a dívida da literatura brasileira para com o jornalismo, especialmente no século 19.[12]"

[12] ZILBERMAN, Regina. *Literatura de rodapé: reedição de folhetim esquecido oferece novas pistas a estudiosos*. Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/papel/cadernos/ideias/2003/11/07/joride20031107009.html>. Acessado em 15/07/2015.

Para conduzir a nossa breve arqueologia, retomaremos algumas variações de expressões utilizadas pelos jornais eróticos para apresentação de obras pornográficas. Expressões como: "romances para serem lidos com uma mão", "romances joviais", "romances para homens" e "literatura alegre" eram comumente utilizadas para divulgação de livros, álbum de fotografias e romances folhetins com a temática pornográfica. Era por meio das referidas expressões que o leitor identificava um tipo específico de literatura: romances, poesias e arte pornográfica.

No que diz respeito à expressão "romances para serem lidos com uma mão", sua origem data do século XVIII e permanece até o final de XIX, representando bem a produção literária que tinha como objetivo despertar os desejos mais íntimos do leitor. Segundo Goulemot (2000), essa expressão foi usada por Rousseau (2011) no século XVIII, em suas *Confissões*, para se referir a certos "livros perigosos". Os "livros perigosos" citados por Rousseau (2011) englobavam romances, tratados filosóficos, textos políticos e textos licenciosos, uma vez que o filósofo apontava tais obras como responsáveis por despertar a curiosidade e o desejo do leitor.

Figura 1 – Leitura só para homens


AGENCIA DE REVISTAS E JORNAES

Figurinos, Romances e Cartões Postaes

LEITURA SÓ PARA HOMENS — Curar tristezas, 2$; Prazeres da Carne, (1ª edição) 2$, (2ª edição) 1$; Contos sensuaes (3 vols.) 1$5; Miseraveis da Luxuria, 400 rs; Travessuras do Amor 600 rs. Amores de Rosinha, 1$; O abortador, 3$; Historia de uma rapariga elegante, 3$; Romance d'uma alcova, 5$; Escandalos conjugaes, 6$.

Todos esses romances são illustrados.
Pelo correio mais 500 réis para o porte.

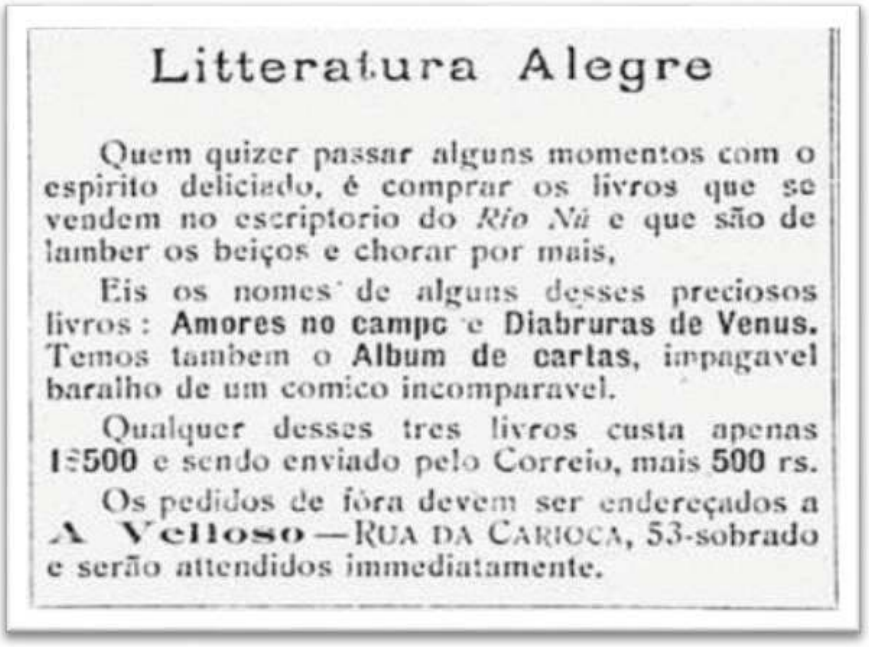
Novidades semanaes — Braz Lauria

RUA DO OUVIDOR, 181 — RIO DE JANEIRO

Fonte: (*O Rio Nu,* Rio de Janeiro, Num. 1.340, Anno XIV, p. 5, em 24/05/1911)

"Prazeres da Carne", "Contos sensuaes", "Miseraveis da Luxuria", "Travessuras do Amor", "Amores de Rosinha", "O abortador", "História de uma rapariga elegante", "Romance d'uma alcova" e "Escandalos conjugaes" são alguns exemplos dos títulos que circulavam em 1911 e estavam à venda no escritório do jornal *O Rio Nu*. Tais romances eram impressos com imagens eróticas a fim de atrair o leitor, segundo o próprio jornal: "Todos esses romances são illustrados" (*O Rio Nu,* Rio de Janeiro, Num. 1.340, Anno XIV, p. 5, em 24/05/1911).

Figura 2 – Literatura Alegre



Litteratura Alegre

Quem quizer passar alguns momentos com o espirito deliciado, é comprar os livros que se vendem no escriptorio do *Rio Nú* e que são de lamber os beiços e chorar por mais,

Eis os nomes de alguns desses preciosos livros: **Amores no campo** e **Diabruras de Venus.** Temos tambem o **Album de cartas,** impagavel baralho de um comico incomparavel.

Qualquer desses tres livros custa apenas **1$500** e sendo enviado pelo Correio, mais **500** rs.

Os pedidos de fóra devem ser endereçados a **A. Velloso** — RUA DA CARIOCA, 53-sobrado e serão attendidos immediatamente.

Fonte: (*O Rio Nu,* Rio de Janeiro, Num. 1.303, Anno XIV, p. 4, em 11/01/1911)

De acordo com o anúncio do jornal *O Rio Nu*, de 11 de janeiro de 1911, por meio da "Litteratura Alegre", o leitor pode passar "momentos com o espirito deliciado [...] e que são de lamber os beiços e chorar por mais" (*O Rio Nu,* Rio de Janeiro, Num. 1.303, Anno XIV, p. 4, em 11/01/1911). Alguns títulos são: "Amores no campo", "Diabruras de Venus" e "Álbum de cartas". Este último não se trata de um romance, mas de um "impagável baralho de um cômico incomparável" (*O Rio Nu,* Rio de Janeiro, Num. 1.303, Anno XIV, p. 4, em 11/01/1911). Além dos romances pornográficos, era muito comum as tipografias venderem e anunciarem nos jornais álbuns de fotografia, cartas e postais eróticos.

Já a expressão "romance para homens" foi bastante utilizada no século XIX tanto para se referir aos livros pornográficos que eram divulgados nos jornais como para intitular o romance folhetim com temática erótica. Consideravam-se também os álbuns de fotografia que traziam atrizes nuas em suas páginas. Como podemos ver no jornal *O Rio Nu* (Rio de Janeiro, Anno II, n. 119, p. 4, em 26/08/1899), a seção "Leitura para Homens" traz a divulgação de vários romances eróticos para venda. Dentre os romances, há a divulgação, por exemplo, de "Tereza Philosopha" ao custo de 6$000, romance libertino que circula até os nossos dias. Alguns títulos explicitavam a temática pornográfica com o fito de atrair o leitor: "Memorias de uma insaciável" ao custo de 2$000; "Amar, Gozar e Morrer" ao custo de 4$000 e "Julia, confidencias de uma mulher de espirito a um de seus amantes" ao custo de 2$500. De acordo com El Far (2004, p. 191), "nesse variado rol de 'livros para homens', algumas edições procuravam explicitar seu conteúdo 'picante' através de títulos provocativos capazes de dispensar quaisquer explicações".

Outros títulos de sucesso se dedicavam a histórias eróticas de personagens religiosos que, segundo El Far (2004, p. 191), "padres e freiras, representantes da palavra de Deus entre os fiéis na Terra, tornavam-se, sob a pena desses escritores,

exímios sedutores e donos de uma sexualidade insaciável". É o caso do romance "Memórias de cada uma: serões do convento", assinado por Rabelais, que já mencionamos. Assim como, "Memorias do Frei Saturnino" ao custo de 6$000 e "Serões do Convento – 1ª Parte e 2ª Parte" ao custo de 6$000 cada uma. Este último título é atribuído a José Feliciano de Castilho, assinado pelo pseudônimo M.L., de acordo com Andrade (2000).

Autores portugueses figuravam a seletiva de romances pornográficos divulgadas no jornal, como é o caso de "Poesias eróticas, burlescas e satyricas", de M. M. du Bocage ao custo de 6$000, além do romance já mencionado "Serões do convento", atribuído pelos estudiosos a José Feliciano de Castilho. De acordo com El Far (2004, pp. 192-193), "a maioria dos 'romances para homens' vinham de Portugal. Ora traduzidos dos sucessos franceses, ora escritos por literatos portugueses, que teriam descoberto um filão lucrativo no mercado editorial de seu país.". Mas os autores brasileiros também apareciam nas estantes de livros pornográficos, como, por exemplo, Laurindo Rebello, com sua "Obras poéticas", anunciado ao custo de 3$000, uma vez que esse gênero já fazia parte da leitura "de sucesso", assim "esse variado reportório de obras vendidas pelas ruas do Rio de Janeiro aos poucos recebeu títulos assinados por autores brasileiros. (EL FAR, 2004, p. 193).

Figura 3 – Leitura para homens



LEITURA PARA HOMENS

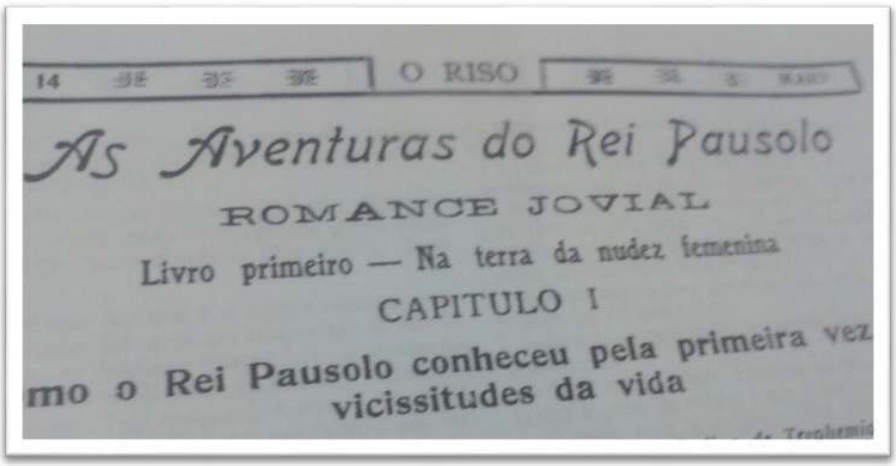
A' venda neste escriptorio pelos preços marcados, pelo correio mais 500 rs.

Julia, confidencias de uma mulher de espirito a um de seus amantes, 1 vol. com 6 estampas.....
Noto de Flaubas, obro posthuma, de F. X. de Novaes, 3 vols.
Poesias eroticas, burlescas e satyricas, de M. M. Barbosa du Bocage, 1 vol. com estampas, enc.....
Flores de Nabo, 1 vol. com estampas.....
Serões do Convento, 1ª parte, 1 vol. enc. com estampas.....
Serões do convento, 2ª parte, 1 vol. enc.....
Memorias de Frei Saturnino, 1 vol. enc., com estampas.....
Vôo da innocencia ao Auge da Prostituição, ou memorias de Miss Fanny, 1 vol. enc., com est.....
Flureza Philosophia, 1 vol., com 20 est.....
Album da Rapaziada, 1 vol.....
Confessionario, ou o proveito dos Frades, 1 vol. com est.....
Cherubim, ou os filhos de pais incognitos, 1 vol com grav...
Elvira, ou os tormentos da felicidade, 1 vol. com est.....
Mysterios do confessionario, 1 vol. com est.....
Carlos (romance para homens), 1 vol.....
Memorias de uma insaciavel, 1 vol.....
Amar, Gozar e Morrer, 1 vol. com est.....
Princeza, mulher feliz ou a mulher de cem mil gostos, 1 vol.
Obras poeticas de Laurindo Rebello (eroticas) 1 vol.....
Margarida, a Palmilhadeira, 1 vol. com est.....

Fonte: (*O Rio Nu,* Rio de Janeiro, Num. 119, Anno II, p. 4, em 26/08/1899)

Além dos romances em formato de livros anunciados e vendidos nos jornais, alguns romances folhetins traziam em seu subtítulo expressões que remetiam o leitor a obras pornográficas, como podemos observar o uso do termo "romance jovial" presente no jornal *O Riso* (1911-1912) que optou por usar essa terminologia para apresentar o seu romance folhetim erótico "As Aventuras do Rei Pausolo", leitura indicada para jovens que buscam aprender sobre as vicissitudes da vida.

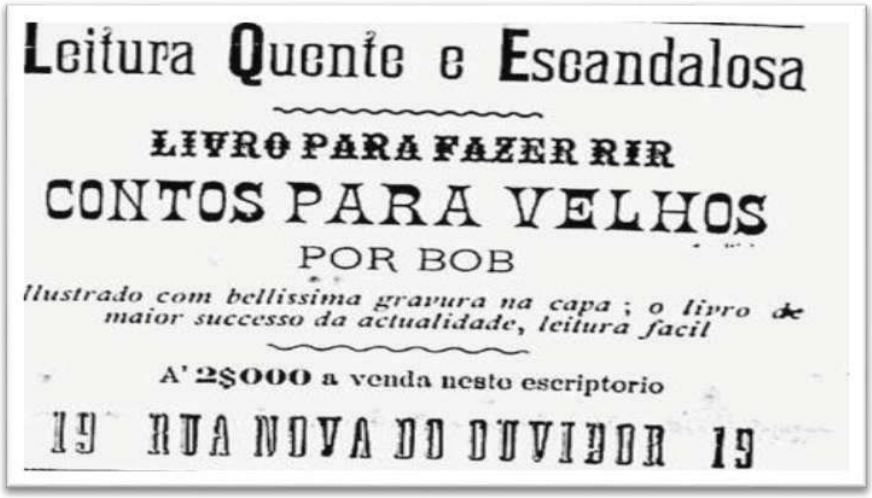
Figura 4 – Romance folhetim: "As Aventuras do Rei Pausolo"



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, Num. 1, Anno I, p. 14, em 26/05/1911)

Mas esse tipo de leitura, da literatura pornográfica, não ficava restrita aos jovens, os jornais também dedicavam obras aos mais velhos, como podemos ver na divulgação do *Rio Nu*:

Figura 5 – Leitura Quente e Escandalosa



Fonte: *O Rio Nu* (Rio de Janeiro, Num. 119, Anno II, p. 4, em 26/08/1899)

Outro termo presente nos impressos era "gênero alegre". Trata-se de gêneros literários que circulam em jornais (poesia, conto, crônica, romance, anedotas, charadas, caricaturas etc.) de temática humorística, mas sempre com um cunho sexual. De acordo com Schettini (2011. p. 317)

> Uma das primeiras publicações a assumir o rótulo [de gênero alegre] foi *Sans Dessous*, que trouxe em seu número inaugural a foto da famosa prostituta francesa Susana Castera, com a legenda: 'A iniciadora do gênero alegre no Brasil – uma justa e respeitosa homenagem de *Sans Dessous*.

O jornal *O Coió* (Rio de Janeiro, Anno II, n. 62, p. 3, em 06/01/1902) apresenta um variação do termo, intitulado como "narrativa alegre", no espaço dedicado ao folhetim, o texto "O Anselmo – Narrativa Alegre e Apimentada", por Arduino Pimentel, que narra a história de um boêmio traído pela mulher que decide se vingar, tornando-se amante da esposa do ministro.

Figura 6 – Romance folhetim: O Anselmo


O ANSELMO

NARRATIVA ALEGRE E APIMENTADA

POR

ARDUINO PIMENTEL

(*Ao Carlos Eduardo*)

Fonte: (*O Coió,* Rio de Janeiro, Num. 62, Anno II, p. 3, em 06/01/1902)

Além da apropriação dos termos que designam a literatura pornográfica, os jornais pornográficos também se apropriaram de imagens muito comuns que relacionam o romance ao sexo: jovens que se entregam aos prazeres da carne pela leitura de romances. A utilização da pornografia como "veículo para chocar e criticar" tanto podia ser feita de forma explícita como também recorria a mecanismos mais implícitos, como a alegoria. A pornografia explícita era utilizada como instrumento de ataque na *ironia*, enquanto que sua utilização por meio da alegoria instaura-se como elemento constitutivo da *sátira*, responsável pelo estabelecimento da fantasia e do ataque indireto (Cf. HODGART, 2010).

Porém, esses dois meios de utilização da pornografia, ironia e sátira, não figuram como um estilo literário acabado. A criação por meio da ironia não mantém um sentido único, haja vista a intrínseca relação entre a singularidade de um fato histórico e/ou social e a construção da ironia como efeito de sentido. Do mesmo modo ocorre com a sátira. Seria anacrônico lermos uma ironia ou uma sátira sem considerar o momento de sua enunciação. Se assim fizéssemos, estaríamos incorrendo em uma interpretação tendenciosa e deslocada de seu tempo. Visto que nas mais diversas reedições e imitações de textos que ocorriam com frequência nos séculos XVIII e XIX, as ironias e as sátiras tinham funções diferentes, pois se preocupavam sempre com o assunto de seu tempo presente. Dessa forma, a sátira de Aretino, ou aquela atribuída a Gregório de Matos, por exemplo, não podem ser tomada como modelo fixo e recorrente nas produções literárias.

Assim, vemos que numa pesquisa que se propõe a investigar a categoria "pornografia", deve se levar em conta o momento de sua produção. Compreender o humor de Aretino ou a ousadia de Gregório de Matos, não nos garante uma análise assertiva dos romances pornográficos oitocentistas. Muito pelo contrário, temos que nos colocar no

terreno da enunciação para pensarmos numa metodologia que se alinha com os costumes e a cultura de uma dada época e assim verificar a motivação da construção da ironia ou da sátira.

Tomar a produção pornográfica como singular em sua composição nesse tipo de literatura nos faz pensar na pornografia de acordo com o que Goulemot (2000, p. 51) chamou de "lugar de trocas", ou seja, é impossível conceber a literatura pornográfica como "um conjunto homogêneo, fixo", uma vez que esta se reveste de múltiplos sentidos por meio dos procedimentos criativos que são utilizados, como o diálogo com a filosofia, a política, com a crítica social etc., tomando o tempo presente de sua composição em sua particularidade. Daí seu caráter heteróclito e multifacetado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O academicismo árido, mesmo nas Ciências Humanas e Sociais, não conseguiu fazer silenciar um tema tão controverso como a pornografia. Porém, os estudos que circulam pelas instâncias de consagração do discurso (FOUCAULT, 1996) têm uma certa dificuldade, em especial, nos estudos da literatura, para teorizar ou construir proposições de análises de obras que carregam em si o estigma de literatura menor e/ou inferior por tratar de temas que envolvem a sexualidade explícita.

É bem verdade que muito se produziu no que diz respeito a antologias eróticas e/ou pornográficas, mas com breves comentários e pequenas indicações metodológicas. Para citarmos alguns exemplos, temos duas traduções de obras consideradas clássicas da literatura pornográfica: *Sonetos luxuriosos*, de Pietro Aretino (2011), com tradução, nota biográfica e um curto ensaio crítico realizado por José Paulo Paes; *Teresa Filósofa*, Anônimo do século XIII (2000), com Prefácio de Renato Janine Ribeiro. Como exemplo de produção luso-brasileira, temos antologias como: *Que seja em segredo*, escritos da devassidão nos conventos brasileiros e portugueses dos séculos XVII e XVIII, reunidos por Ana Miranda (2014), no qual a pesquisadora explora de forma breve o contexto de produção dos poemas e suas temáticas, tais como: os tormentos do corpo, a contemplação da mulher amada, a solidão, a musa libertina, os abismos do amor, os sonhos e as fantasias eróticas; em *Antologia pornográfica*, de Gregório de Matos e Glauco Matoso, poemas reunidos por Alexei Bueno (2004), também há uma breve introdução na qual o pesquisador tenta situar a relevância dos autores em suas épocas, além de destacar o apagamento linguístico de termos considerados *chulos* e construir um glossário para entendermos o sentido sexual dos termos utilizados pelos poetas.

No que diz respeito aos princípios que tomamos como basilares para construção de nossa análise, tais como o conceito de pornografia, sátira, alegoria, História Cultural e dos estudos que tomam o jornal como fonte e objeto de investigação histórica, mostramos que as condições de produção do discurso, ou seja, sua enunciação, fazem-se necessárias para compreensão do discurso de uma determinada comunidade leitora de uma dada época.

Desse modo, a pornografia deve ser vista na singularidade de sua produção de sentido, pois não há uma homogeneidade em sua composição. Muito pelo contrário, ela se reveste de múltiplos sentidos através dos mais distintos procedimentos criativos de utilização do sexo na literatura. Se tomarmos a pornografia como instrumento da

sátira, precisamos compreender que tanto a sátira pode ser vista pelo ataque a um sistema de poder ou a indivíduo que o represente, como pela manutenção da ordem e da moral, por meio da arte. Assim, não podemos pensar numa singularidade da sátira, mas em sua pluralidade: *sátiras*. Para se instaurar como arte, a sátira necessita de mecanismos alegóricos, pois se trata de um dispositivo da invenção do autor para criticar um governo de forma explícita ou não, estando em sua condição de produção a *invention*, apropriando-se de um discurso que diz *b* para representar *a*, ou seja, como a alegoria se reveste de um sentido para representar outro.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia (org.). **Trajetórias do Romance**: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

ALEXANDRIAN, (Sarane). **História da literatura erótica**. 2. ed. Trad. Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Literatura e periódicos no século XIX**: perspectivas históricas e teóricas. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Coleção estudos: 20).

BRAGANÇA, Anibal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

CEIA, Carlos. **Sexualidade e Literatura**: Ensaios sobre Eça de Queirós, Cesário Verde, Almada Negreiros e Alexandre O'Neill. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da universidade Nova de Lisboa, 2003 (Edições Colibri).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. 2. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.

____. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 1988.

____. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados** 11(5), 1991. pp. 173- 191.

____. **A ordem dos Livros**. Trad. Leonor Graça. Lisboa: Vega, 1997.

____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Trad. Álvaro Lorencine. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

____. **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

____. **A história ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

____. **Práticas da Leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: 2. Da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

____. **História da virilidade**: 2. O triunfo da virilidade: O século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COSTA, Carlos. **A revista no Brasil do século XIX**: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro. São Paulo: Alameda, 2012.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

____. **O grande massacre dos gatos**: E outros episódios da história cultural francesa. Trad. Sonia Coutinho. São Paulo: Graal, 2011.

DEL PRIORI, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

____. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação**: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

____. "Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX". In: BRAGANÇA, Anibal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010, pp. 89-99.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. 5. ed. Trad. Maria Thereza da C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984a.

____. **História da sexualidade 2**: O uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984b.

____. **História da sexualidade 3***:* O cuidado de si. 12. ed., Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013.

GOULEMOT, Jean-Marie. **Esses livros que se lêem com uma só mão**. Trad. Maria Aparecida Corrêa. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria**: construção e interpretação da metáfora. São Paulo, SP: Hedra; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

HUNT, Lynn. **A Invenção da Pornografia**: Obscenidade e as Origens da Modernidade. 1. ed. São Paulo: Hedra, 1999.

HODGART, Matthew John Caldwell. **Satire**: origins and principles. New Brunswick (U.S.A.) and London (U.K.): Transaction Publishers, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.

LISBOA, João Luís. **Gazetas manuscritas da Biblioteca pública de Évora**, v. 3, 1. ed., Lisboa: Colibri / CHC / CIDEHUS / CHAM, 2011a.

____. "O Anatómico entre os papéis jocosos setecentistas". In: LUSTOSA, Isabel (org.). **Imprensa, Humor e Caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011b, pp. 391-406.

____. **Gazetas, a informação política nos finais do antigo regime.** Cadernos de Cultura 4. ed. 1, 1 vol.. Lisboa: CHC UNL, 2002.

LUCA, Tânia Regina. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 111-153.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. "A questão do suporte dos gêneros textuais". In: **DLCV**: Língua, linguística e literatura. (Publicada pelo Departamento de Letras Clássicas e

Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba). v. 1, n. 1. João Pessoa: Editora Ideia, out/2003, pp. 9-40.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A parte obscura de nós mesmos**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

ROUSSEAU. Jean-Jacques. **As confissões**. Trad. Wilson Lousada. São Paulo: Martin Claret, 2011.

SCHETTINI, Cristiana. "O que não se vê: corpos femininos nas páginas de um jornal malicioso". In: DEL PRIORI, Mary & AMANTINO, Márcia (orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil. 2. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

VILLALTA, Luiz Carlos. "Os livreiros, os 'livros proibidos' e as livrarias em Portugal sob o olhar do Antigo Regime (1753-1807)". In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das (org.). **Livros e Impressos**: retratos de Setecentos e do Oitocentos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, pp. 223-268.

ZILBERMAN, Regina. "Literatura de rodapé (ou) o jornal como suporte literário". In: IDEIAS, JORNAL DO BRASIL, 8 de novembro de 2003.

Disponível em <http://www2.metodista.br/unesco/hp_unesco_redealcar36completo.htm>. Acessado em 26/05/2014.